

IRENE VALLEJO



INFINITO  
EM UM  
JUNCO

A invenção dos livros  
no mundo antigo



IRENE VALLEJO

O  
INFINITO  
EM UM  
JUNCO

A invenção dos livros  
no mundo antigo

Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht



Copyright © Irene Vallejo Moreu, 2019

TÍTULO ORIGINAL

*El infinito en un junco*

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

REVISÃO

Alvanísio Damasceno

João Sette Câmara

Eduardo Carneiro

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CAPA

Elisa von Randow

IMAGEM DE CAPA

Ilustração egípcia. Domínio público. Rawpixel.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO

NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V273i

Vallejo, Irene, 1979-

O infinito em um junco: a invenção dos livros no mundo antigo / Irene

Vallejo ; tradução Ari Roitman, Paulina Wacht. - 1. ed. - Rio de Janeiro :

Intrínseca, 2022

496 p. ; 23 cm.

Tradução de: El infinito en un junco : la invención de los libros en el mundo antiguo

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-65-5560-468-9

1. Livros - História. 2. Bibliotecas - História. 3. Bibliotecas e sociedade - História. 4. Bibliofilia. I. Roitman, Ari. II. Wacht, Paulina. III. Título.

22-76747

CDD: 002.075

CDU: 027(091)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

“Parecem desenhos, mas dentro das letras estão as vozes. Cada página é uma caixa infinita de vozes.”

MIA COUTO, *Mulheres de cinzas*

“Os signos inertes de um alfabeto tornam-se significados cheios de vida na mente. Ler e escrever alteram a nossa organização cerebral.”

SIRI HUSTVEDT, *Living, Thinking, Looking*

“Gosto de imaginar como o bom Homero, quem quer que ele fosse, teria ficado surpreso ao ver suas epopeias na prateleira de um ser tão inimaginável para ele como eu, no meio de um continente do qual não se tinha notícia.”

MARILYNNE ROBINSON, *When I Was a Child I Read Books*

“Ler é sempre uma translação, uma viagem, um ir embora para se encontrar. Ler, mesmo sendo normalmente um ato sedentário, leva-nos de volta à nossa condição de nômades.”

ANTONIO BASANTA, *Leer contra la nada*

“O livro é, acima de tudo, um recipiente onde o tempo repousa. Uma prodigiosa armadilha com a qual a inteligência e a sensibilidade humanas venceram a condição efêmera, fluida, que levava a experiência do viver para o vazio do esquecimento.”

EMILIO LLEDÓ, *Los libros y la libertad*

# Sumário

<i>Prólogo</i>	13
<b>I – A GRÉCIA IMAGINA O FUTURO</b>	21
A cidade dos prazeres e os livros	23
Alexandre: o mundo não é o bastante	28
O amigo macedônio	32
Equilíbrio à beira do abismo: a Biblioteca e o Museu de Alexandria	40
Uma história de fogo e passadiços	67
A pele dos livros	79
Uma tarefa detetivesca	91
Homero como enigma e como ocaso	94
O mundo perdido da oralidade: uma tapeçaria de ecos	98
A pacífica revolução do alfabeto	119
Vozes que saem da névoa, tempos indecisos	129
Aprender a ler sombras	139
O sucesso das palavras rebeldes	145
O primeiro livro	147

As livrarias ambulantes	151
A religião da cultura	156
Um homem de memória prodigiosa e um grupo de jovens vanguardistas	160
Tecedoras de histórias	176
É o outro quem me conta a minha história	191
O drama do riso e nossa dívida com o lixo	206
Uma relação apaixonada com as palavras	216
O veneno dos livros. Sua fragilidade	232
As três destruições da Biblioteca de Alexandria	239
Botes salva-vidas e borboletas pretas	255
Assim começamos a ser tão estranhos	268
<b>II – OS CAMINHOS DE ROMA</b>	<b>275</b>
Uma cidade de má reputação	277
A literatura da derrota	283
O umbral invisível da escravidão	295
No princípio eram as árvores	303
Escritores pobres, leitores ricos	305
Uma jovem família	318
Livreiro: ofício de risco	328
Infância e sucesso dos livros de páginas	346
Bibliotecas públicas nos palácios da água	362

Dois hispânicos: o primeiro fã e o escritor maduro	371
Herculano: a destruição que preserva	376
Ovídio em conflito com a censura	381
A doce inércia	386
Viagem ao interior dos livros e como nomeá-los	388
O que é um clássico?	396
Cânone: história de um junco	407
Cacos de vozes femininas	418
O que se julgava eterno se revelou efêmero	424
Atreva-se a lembrar	434
<i>Epílogo: Os esquecidos, as anônimas</i>	439
<i>Agradecimentos</i>	443
<i>Notas</i>	447
<i>Bibliografia</i>	473
<i>Índice onomástico</i>	485

## PRÓLOGO

Misteriosos grupos de homens a cavalo percorrem os caminhos da Grécia. De suas terras ou das portas de suas cabanas, os camponeses os observam com desconfiança. A experiência já lhes ensinou que só gente perigosa viaja: soldados, mercenários e traficantes de escravos. Eles franzem a testa e resmungam até que veem os homens desaparecerem no horizonte. Não gostam de forasteiros armados.<sup>1</sup>

Os cavaleiros galopam sem reparar nos aldeões. Durante meses subiram montanhas, cruzaram desfiladeiros, atravessaram vales, vadearam rios, navegaram de ilha em ilha. Seus músculos e sua resistência se enrijeceram desde o dia em que receberam essa estranha missão. Para cumprir sua tarefa, precisam se aventurar pelos territórios violentos de um mundo em guerra quase permanente. São caçadores em busca de presas de um tipo muito especial. Presas silenciosas, astutas, que não deixam rastro nem pegadas.

Se esses inquietantes emissários se sentassem em uma taverna de algum porto para tomar vinho, comer polvo assado, conversar e se embriagar com desconhecidos (nunca fazem isso, por prudência), poderiam contar grandes histórias de viagem. Eles entraram em terras açoitadas pela peste. Atravessaram regiões assoladas por incêndios, viram as cinzas quentes da destruição e a brutalidade de rebeldes e mercenários em guerra. Como ainda não existem mapas de regiões extensas, já se perderam e vagaram sem rumo dias inteiros sob a fúria do sol e das tempestades. Tiveram



que beber águas repugnantes que lhes causaram monstruosas diarreias.<sup>2</sup> Sempre que chove, as carroças e as mulas atolam na lama; aos gritos e maldições, eles as empurram com força até caírem de joelhos no chão e beijarem a lama. Quando a noite os surpreende distantes de um abrigo qualquer, apenas a capa que cada um traz os protege dos escorpiões. Já conheceram o tormento enlouquecedor dos piolhos e o medo constante dos bandoleiros que infestam os caminhos. Muitas vezes, cavalgando por imensos vazios, o sangue gela quando imaginam um grupo de bandidos escondidos em alguma curva à espreita, prendendo a respiração para pular sobre eles, assassiná-los a sangue-frio, roubar-lhes as bagagens e largar os cadáveres ainda quentes entre os arbustos.

Faz sentido que tenham medo. O rei do Egito lhes confiou grandes somas ao enviá-los para cumprir suas ordens no outro lado do mar. Naquele tempo, poucas décadas depois da morte de Alexandre, viajar carregando uma grande fortuna era muito arriscado, quase suicida. E, embora os punhais dos ladrões, as doenças contagiosas e os naufrágios ameacem levar aquela missão tão importante ao fracasso, o faraó insiste em mandar seus agentes partirem do país do Nilo em todas as direções, atravessando fronteiras e grandes distâncias. Deseja apaixonadamente, com impaciência e uma dolorosa sede de posse, essas presas que seus caçadores secretos rastreiam para ele, enfrentando perigos ignotos.

Tanto os camponeses, que se sentaram à porta de suas cabanas para observar, quanto os mercenários e os bandidos certamente abririam os olhos de espanto e a boca de incredulidade se soubessem o que aqueles estrangeiros a cavalo estavam perseguindo.

Livros, eles procuravam livros.<sup>3</sup>

Era o segredo mais bem guardado da corte egípcia. O Senhor das Duas Terras, um dos homens mais poderosos da época, daria a vida (a dos outros, claro; com os reis é sempre assim) para conseguir reunir todos os livros do mundo em sua Grande Biblioteca de Alexandria.<sup>4</sup> Perseguia o sonho de uma biblioteca absoluta e perfeita, a coleção que conteria todas as obras de todos os autores desde o princípio dos tempos.

Para mim é sempre assustador escrever as primeiras linhas, atravessar o umbral de um livro novo. Quando já percorri todas as bibliotecas, quando os cadernos estão quase estourando de anotações febris, quando já não me ocorrem pretextos razoáveis, nem mesmo insensatos, para continuar esperando, ainda levo vários dias, durante os quais entendo muito bem o que significa ser covarde. Simplesmente, não me sinto capaz. Já deveria estar tudo ali — o tom, o senso de humor, a poesia, o ritmo, as promessas. Os capítulos ainda não escritos já deveriam ser adivinhados, lutando para nascer, na sementeira das palavras escolhidas para começar. Mas como se faz isso? Neste momento, minha bagagem são as dúvidas. Em cada livro, eu volto ao ponto de partida e ao coração agitado da primeira vez. Escrever é tentar saber aquilo que escreveríamos se escrevêssemos, é como define Marguerite Duras, passando do infinitivo ao futuro do pretérito e depois ao subjuntivo, como se sentisse o solo rachando sob seus pés.

No fundo, isso não é tão diferente de todas as coisas que começamos a fazer antes de saber fazê-las: falar outra língua, dirigir, ser mãe. Viver.

Depois de todas as agonias da dúvida, depois de esgotar todos os adiamentos e álibis, numa tarde quente de julho finalmente enfrento a solidão da página em branco. Decidi começar meu texto com a imagem de caçadores enigmáticos espreitando a presa. Eu me identifico com eles, gosto de sua paciência, seu estoicismo, seus tempos perdidos, da lentidão e da adrenalina da busca. Trabalhei por anos como pesquisadora, consultando fontes, procurando documentos e tentando conhecer o material histórico. Mas, na hora da verdade, a história real e documentada que vou descobrindo me parece tão assombrosa que invade meus sonhos e adquire, involuntariamente, a forma de um relato. Sinto a tentação de entrar na pele dos buscadores de livros pelas estradas de uma Europa antiga, violenta e convulsionada. E se eu começar narrando essa viagem? Pode funcionar, mas como manter a distinção entre o esqueleto das informações sob o músculo e o sangue da imaginação?

Esse ponto de partida me parece tão fantástico quanto a viagem em busca das minas do rei Salomão ou da Arca Perdida, mas os documentos testemunham que o projeto realmente existiu na mente megalomaniaca dos reis do Egito. Talvez tenha sido essa, no século III a.C., a única e última vez que foi possível realizar o sonho de reunir todos os livros do mundo, sem exceção, numa biblioteca universal. Hoje, nos parece o enredo de um fascinante conto abstrato de Borges — ou, talvez, sua grande fantasia erótica.

Na época do grande projeto alexandrino, não existia nada parecido com o comércio internacional de livros. Estes podiam ser comprados em cidades de grande vida cultural, mas não na jovem Alexandria. Os textos contam que os reis usaram as enormes vantagens do poder absoluto para enriquecer sua coleção. O que não podiam comprar, confiscavam. Se fosse preciso fatar pescocões ou arrasar colheitas para conseguir um livro cobiçado, dariam tal ordem dizendo a si mesmos que o esplendor do país era mais importante do que os pequenos escrúpulos.

A fraude, naturalmente, fazia parte do repertório de coisas que estavam dispostos a fazer para atingir seus objetivos. Ptolomeu III ansiava pelas versões oficiais das peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípides conservadas no arquivo de Atenas desde que estrearam nos festivais de teatro. Os embaixadores do faraó pediram os valiosos rolos emprestados para que seus minuciosos amanuenses fizessem cópias. As autoridades atenienses exigiram a exorbitante garantia de 15 talentos de prata, que equivalem a milhões de dólares de hoje. Os egípcios lhes entregaram o dinheiro, agradeceram com pomposas reverências, fizeram juramentos solenes de devolver o material emprestado antes que transcorressem — digamos — doze luas, proferiram maldições truculentas contra si mesmos se os livros não voltassem em perfeito estado e depois, naturalmente, se apropriaram deles, abrindo mão da garantia. Os dirigentes de Atenas tiveram que engolir esse abuso. A orgulhosa capital dos tempos de Péricles havia se transformado numa cidade provinciana de um reino que não podia rivalizar com o poderio do Egito, que dominava o comércio de cereais — o petróleo da época.

Alexandria era o principal porto do país e seu novo centro vital. Como sempre acontece, uma potência econômica dessa magnitude pode cometer excessos tranquilamente. Qualquer navio, de qualquer procedência, que fizesse escala na capital da biblioteca era revistado de imediato. Os fiscais aduaneiros se apoderavam de todos os escritos que encontrassem a bordo, mandavam copiá-los em papiros novos, devolviam as cópias e ficavam com os originais.<sup>5</sup> Esses livros assim saqueados foram parar nas prateleiras da biblioteca com uma breve anotação que informava sua procedência (“dos barcos”).<sup>6</sup>

Quando você está no topo do mundo, não existem favores excessivos. Dizem que Ptolomeu II enviou mensageiros aos soberanos e governantes de todos os países da Terra. Numa carta<sup>7</sup> selada, solicitava que fizessem o obséquio de enviar para a sua coleção simplesmente tudo: as obras dos poetas e escritores em prosa do seu reino, de oradores e filósofos, de médicos e adivinhos, de historiadores e todos os demais.

Além disso — e esta foi a minha porta de entrada na história —, os reis mandaram agentes atravessar os perigosos caminhos e mares de todo o mundo conhecido com os alforjes recheados e a ordem de comprar a maior quantidade possível de livros, encontrando, onde quer que estivessem, suas cópias mais antigas. Esse apetite por livros e os valores que chegavam a pagar por eles atraíram espertalhões e falsificadores que ofereciam valiosos rolos de textos falsos,<sup>8</sup> envelheciam o papiro, fundiam várias obras numa só para aumentar a extensão do volume e habilmente inventavam manipulações de todo tipo. Um sábio com senso de humor se divertiu escrevendo obras bem forjadas, autênticas fraudes calculadas especialmente para atrair a cobiça dos Ptolomeus. Os títulos eram bastante engraçados; poderiam ser comercializados hoje em dia com facilidade — por exemplo, “O que Tucídides não disse”.<sup>9</sup> Substituindo Tucídides por Kafka ou Joyce, imaginemos a expectativa que o falsário deve ter provocado quando apareceu na biblioteca com as falsas memórias e os segredos inconfessáveis do escritor debaixo do braço.

Apesar das prudentes suspeitas de fraude, os compradores da biblioteca não queriam deixar escapar algum livro que fosse valioso, arriscan-

do-se a enfurecer o faraó. Volta e meia o rei passava em revista os rolos da sua coleção, com o mesmo orgulho que sentia diante dos seus desfiles militares. Perguntava a Demétrio de Faleros, o encarregado de administrar a biblioteca, quantos livros já tinham.<sup>10</sup> E Demétrio atualizava o número: “Há mais de vinte dezenas de milhares, ó rei; e estou me esforçando para completar em breve o que falta para 500 mil.” A fome de livros que se desatou em Alexandria começava a virar um surto de loucura apaixonada.

Eu nasci num país e numa época em que os livros são objetos fáceis de conseguir. Na minha casa, estão em toda parte. Em períodos de trabalho intenso, quando trago dúzias deles das diversas bibliotecas que sofrem minhas incursões, costumo deixá-los empilhados como torres em cima das cadeiras ou mesmo no chão. E também abertos, de bruços, como um telhado de duas águas em busca de uma casa para cobrir. Atualmente, para evitar que meu filho de 2 anos amasse as páginas, formo pilhas em cima do encosto do sofá e, quando me sento para descansar, sinto o contato de suas quinas na nuca. Comparando o preço dos livros com o do aluguel na cidade onde moro, vejo que meus livros são inquilinos caros. Mas acho que todos eles, dos grandes volumes de fotografia até os velhos exemplares de bolso com capa colada que estão sempre querendo se fechar como se fossem mexilhões, tornam minha casa mais acolhedora.

A história dos esforços, viagens e sacrifícios necessários para preencher as prateleiras da Biblioteca de Alexandria pode parecer atraente pelo exotismo. São acontecimentos estranhos, aventuras, como as fabulosas navegações às Índias em busca de especiarias. Aqui e agora os livros são tão comuns, tão desprovidos da aura de novidade tecnológica, que não faltam profetas do seu desaparecimento. Uma vez por outra leio, desolada, certos textos jornalísticos que vaticinam a extinção dos livros, substituídos por dispositivos eletrônicos e derrotados pelas imensas possibilidades de ócio. Os mais agourentos sustentam que estamos à beira do

fim de uma época, com um verdadeiro apocalipse de livrarias fechando e bibliotecas vazias. Parecem insinuar que muito em breve os livros serão exibidos nas vitrines dos museus etnológicos, ao lado das pontas de lança pré-históricas. Com essas imagens ainda na cabeça, passo os olhos pelas minhas séries intermináveis de livros e pelas fileiras de discos de vinil me perguntando se um velho e querido mundo está prestes a desaparecer.

Será que está mesmo?

O livro resistiu à prova do tempo, demonstrou ser um maratonista. Todas as vezes ao longo da história que nos despertamos do sonho das nossas revoluções ou do pesadelo das nossas catástrofes humanas, ele continuava lá. Como diz Umberto Eco, o livro pertence à mesma categoria que a colher, o martelo, a roda e a tesoura. Uma vez inventados, não se pode fazer nada melhor.

Sem dúvida, a tecnologia é deslumbrante e tem força suficiente para destronar as antigas monarquias. No entanto, todos nós sentimos falta das coisas que perdemos — fotos, arquivos, trabalhos antigos, recordações — devido à velocidade com que os produtos tecnológicos envelhecem e ficam obsoletos. Primeiro foram as músicas das nossas fitas cassette, depois os filmes gravados em fitas VHS. Fazemos esforços frustrantes para colecionar aquilo que a tecnologia se empenha em deixar fora de moda. Quando surgiu o DVD, diziam que tínhamos resolvido em definitivo nossos problemas de arquivo, mas sempre nos tentam com novos discos, de formato menor, que invariavelmente exigem a compra de novos aparelhos. O mais curioso é que ainda podemos ler um manuscrito pacientemente copiado há mais de dez séculos, mas não conseguimos mais acessar uma fita de vídeo ou um disquete de alguns anos atrás, a menos que tenhamos conservado no quarto de despejo em casa todos os sucessivos computadores e aparelhos de reprodução que já tivemos, como um museu da caducidade.

Não podemos esquecer que o livro vem sendo nosso aliado, há muitos séculos, numa guerra que os manuais de história não registram: a luta para preservar nossas valiosas criações — as palavras, que são um simples sopro de ar; as ficções que inventamos para dar sentido ao caos

e sobreviver nele; os conhecimentos verdadeiros, falsos e sempre provisórios que vamos arranhando na rocha firme da nossa ignorância.

Foi por isso que decidi mergulhar nesta pesquisa. A princípio, só tinha perguntas, muitas perguntas. Quando surgiram os livros? Qual é a história secreta dos esforços para multiplicá-los ou aniquilá-los? O que se perdeu no caminho e o que se salvou? Por que alguns se tornaram clássicos? Quantas baixas causaram os dentes do tempo, as unhas do fogo, o veneno da água? Que livros foram queimados com ódio e quais foram copiados da forma mais apaixonada? Os mesmos?

Este relato é uma tentativa de continuar a aventura daqueles caçadores de livros. Eu gostaria de ser, de algum modo, sua improvável companheira de viagem, em busca de manuscritos perdidos, histórias desconhecidas e vozes prestes a emudecer. Talvez esses grupos de exploradores tenham sido apenas uns esbirros a serviço de reis possuídos por uma obsessão megalomaniaca. Talvez não entendessem a transcendência da sua tarefa, achassem um absurdo e, nas noites que passavam ao relento, depois de apagarem os rescaldos da fogueira, resmungassem à boca pequena que estavam cansados de arriscar a vida pelo sonho de um louco. Certamente prefeririam receber uma missão com mais possibilidades de promoção, como sufocar uma revolta no deserto da Núbia ou fiscalizar o carregamento das barças do Nilo. Mas desconfio que, ao seguir o rastro de todos os livros como se fossem peças de um tesouro perdido, esses viajantes estavam construindo, sem saber, os alicerces do nosso mundo.

I

**A GRÉCIA IMAGINA O FUTURO**



## A CIDADE DOS PRAZERES E OS LIVROS

### 1

A mulher do mercador, jovem e entediada, dorme sozinha. Ele havia zarpado da ilha mediterrânea de Cós rumo ao Egito fazia dez meses e ainda não chegara nenhuma carta do país do Nilo. Ela tem 17 anos, ainda não deu à luz e não está aguentando a monotonia da vida isolada no gineceu, à espera de que aconteça alguma coisa, sem sair de casa para evitar falatórios. Não há muito o que fazer. Tiranizar as escravas parecia divertido no começo, mas não basta para preencher seus dias. Por isso gosta de receber visitas de outras mulheres. Não importa quem bata à sua porta, ela precisa desesperadamente se distrair para aliviar o grande peso das horas.

Uma escrava anuncia a chegada da velha Gílide. A mulher do mercador prevê um pouco de diversão: sua velha babá, Gílide, é desbocada e fala obscenidades muito divertidas.

— Mama Gílide! Há meses você não aparece em minha casa!

— Você sabe que eu moro longe, filha, e agora tenho menos força do que uma mosca.

— Bem, bem — diz a mulher do mercador —, mas ainda tem forças para dar uma boa sacudida em mais de uma pessoa.

— Pode caçar! — responde Gílide. — Isso é só para vocês, mocinhas.

Com um sorriso malicioso e preâmbulos astutos, a anciã desembucha finalmente o que veio lhe contar. Um jovem forte e bonito que ganhou

duas vezes o prêmio de luta nos Jogos Olímpicos reparou na mulher do mercador, está morrendo de desejo e quer ser seu amante.

— Não fique zangada e ouça a proposta. Ele está com o ferrão da paixão enfiado na carne. Permita-se ter um momento alegre com ele. Vai ficar aqui, esquentando a cadeira? — pergunta Gílide, tentadora. — Quando abrir os olhos, você estará velha e as cinzas terão comido o seu viço.

— Cale-se, cale-se...

— E o que anda fazendo o seu marido no Egito? Não escreve, se esqueceu de você, e na certa já molhou os beijos em outra taça.

Para vencer a última resistência da jovem, Gílide descreve com lábia tudo que o Egito, em especial Alexandria, oferece ao marido distante e ingrato: riquezas, o encanto de um clima sempre quente e sensual, ginásios, espetáculos, manadas de filósofos, livros, ouro, vinho, adolescentes e tantas mulheres atraentes quanto estrelas brilhando no céu.

Traduzi livremente o início de uma breve peça de teatro grega, escrita no século III a.C., com um cheiro intenso de vida cotidiana. Obras curtas como essa certamente não eram representadas, a não ser em algum tipo de leitura dramatizada. Humorísticas, às vezes picarescas, elas abrem a janela para um mundo proscrito de escravos açoitados e senhores cruéis, proxenetas, mães à beira do desespero por causa de seus filhos adolescentes ou mulheres sexualmente insatisfeitas. Gílide é uma das primeiras fofoqueiras da história da literatura, uma cafetina profissional que conhece os segredos do ofício e aponta, sem hesitar, o ponto mais frágil de suas vítimas: o medo universal de envelhecer. Mas dessa vez, apesar do seu talento cruel, Gílide fracassa. O diálogo termina com uns insultos carinhosos da jovem, que é fiel ao marido ausente, ou talvez não queira correr os riscos terríveis do adultério. Você ficou de miolo mole?, pergunta a mulher do mercador a Gílide, mas, por outro lado, também a consola, oferecendo-lhe um gole de vinho.

Somado ao seu humor e tom atrevido, esse texto é interessante porque nos revela a visão que as pessoas comuns tinham da Alexandria dessa época: a cidade dos prazeres e dos livros; a capital do sexo e da palavra.<sup>1</sup>

A lenda sobre Alexandria não parou de crescer. Dois séculos depois de o diálogo entre Gílido e a jovem tentada ser escrito, Alexandria foi palco de um dos grandes mitos eróticos de todos os tempos: a história de amor de Cleópatra e Marco Antônio.

Roma, que à época já havia se tornado o centro do maior império mediterrâneo, ainda era um labirinto de ruas tortuosas, escuras e enlameadas quando Marco Antônio desembarcou pela primeira vez em Alexandria. De repente, ele se viu em uma cidade embriagadora cujos palácios, templos, amplas avenidas e monumentos irradiavam grandeza. Os romanos se sentiam seguros do seu poder militar e donos do futuro, mas não podiam competir com a sedução de um passado dourado e daquele luxo decadente. Com um misto de excitação, orgulho e cálculo tático, o poderoso general e a última rainha do Egito construíram uma aliança política e sexual que escandalizou os romanos conservadores. Para piorar as coisas, dizia-se que Marco Antônio ia transferir a capital do império de Roma para Alexandria. Se o casal tivesse vencido a guerra pelo controle do Império Romano, possivelmente as multidões de turistas iriam hoje ao Egito para tirar fotos na Cidade Eterna, com seu Coliseu e seus foros.

Tal como sua cidade, Alexandria, Cleópatra encarna uma peculiar fusão de cultura e sensualidade. Plutarco diz que, na realidade, ela não era uma grande beleza. As pessoas não paravam na rua para olhá-la. Mas, em compensação, transbordava de magnetismo, inteligência e lábia. O timbre de sua voz tinha tal doçura que encantava todos que a ouviam. E sua língua, prossegue o historiador, se adaptava ao idioma que quisesse como um instrumento musical de muitas cordas. Era capaz de falar sem intérprete com etíopes, hebreus, árabes, sírios, medos e partos. Astuta e bem informada, Cleópatra ganhou vários embates na luta pelo poder dentro e fora do seu país, embora tenha perdido a batalha decisiva. O problema é que só se falou dela pelo lado do inimigo.

Os livros também desempenham um papel importante nessa história tempestuosa. Quando Marco Antônio se considerava prestes a governar o mundo, quis deslumbrar Cleópatra com um grande presente. Sabia que nem ouro, nem joias, nem banquetes conseguiriam acender uma luz de fascínio nos olhos da sua amante, que estava acostumada à fartura dessas coisas no seu dia a dia. Certa vez, num gesto de ostentação provocativa durante uma madrugada regada a álcool, ela dissolveu em vinagre uma pérola de um tamanho fabuloso e bebeu-a.<sup>2</sup> Por isso, Marco Antônio escolheu um presente que Cleópatra jamais desdenharia com uma expressão de tédio: pôs aos pés dela 200 mil volumes para a Grande Biblioteca.<sup>3</sup> Em Alexandria, os livros eram combustível para as paixões.

Dois escritores mortos durante o século XX foram os nossos guias pelos meandros da cidade, incorporando camadas de pátina ao mito de Alexandria. Konstantínos Kaváfis foi um obscuro funcionário público de origem grega que trabalhou na administração britânica do Egito, no Serviço de Irrigação do Ministério de Obras Públicas, sem nunca ter sido promovido. À noite, mergulhava num mundo de prazeres, gente cosmopolita e gandaia internacional. Conhecia como a palma de sua mão o labirinto de bordéis alexandrinos, único refúgio para sua homossexualidade “proibida e severamente desprezada por todos”, como ele mesmo escreveu. Kaváfis era um leitor apaixonado dos clássicos e poeta quase secreto.

Em seus poemas mais conhecidos, os personagens reais e fictícios que povoavam Ítaca, Troia, Atenas ou Bizâncio revivem. Aparentemente mais pessoais, outros poemas escavam, entre a ironia e a aflição, sua própria experiência de maturidade: a nostalgia da juventude, o aprendizado do prazer e a angústia pela passagem do tempo. Essa diferenciação temática é, na verdade, artificial. O passado lido e imaginado emocionava Kaváfis tanto quanto suas lembranças. Quando circulava por Alexandria, via a cidade ausente pulsar sob a cidade real. A Grande Biblioteca havia desaparecido, mas seus ecos, sussurros e cochichos continuavam vibrando na atmosfera. Para Kaváfis, essa grande comunidade

de fantasmas tornava habitáveis as ruas frias por onde andam, solitários e atormentados, os vivos.

Os personagens de *O quarteto de Alexandria*, Justine, Darley e sobretudo Balthazar, que diz tê-lo conhecido, evocam constantemente Kaváfis, “o velho poeta da cidade”. Por sua vez, os quatro romances de Lawrence Durrell, um desses ingleses que se sentem sufocados pelo puritanismo e pelo clima de seu país, ampliam a ressonância erótica e literária do mito alexandrino. Durrell conheceu a cidade nos anos turbulentos da Segunda Guerra Mundial, quando o Egito tinha sido ocupado por tropas britânicas e era um ninho de espões, conspirações e, como sempre, prazeres. Ninguém descreveu com mais precisão as cores e as sensações físicas que Alexandria despertava. O silêncio esmagador e o céu claro do verão. Os dias de calor calcinante. O luminoso azul do oceano, os quebra-mares, a costa amarela. No interior, o lago Mareotis, que às vezes surge impreciso como uma miragem. Entre as águas do porto e do lago, incontáveis ruas onde redemoinham a poeira, os mendigos e as moscas. Palmeiras, hotéis luxuosos, haxixe, embriaguez. O ar seco carregado de eletricidade. Entardeceres cor de limão-siciliano e violeta. Cinco raças, cinco línguas, uma dúzia de religiões, o reflexo de cinco frotas na água oleosa. Em Alexandria, escreve Durrell, a carne acorda e sente as grades da prisão.

A Segunda Guerra Mundial arrasou a cidade. No último romance do *Quarteto*, Clea descreve uma paisagem melancólica. Tanques enfiados nas praias feito esqueletos de dinossauros, grandes canhões que lembravam árvores caídas de um bosque petrificado, beduínos perdidos entre as minas explosivas. A cidade, que sempre foi perversa, parece então um enorme urinol público — conclui. Lawrence Durrell não voltou mais a Alexandria desde 1952. As milenares comunidades judia e grega da cidade fugiram depois da guerra do canal de Suez, o fim de uma época no Oriente Médio. Viajantes que retornam de lá me contam que a cidade cosmopolita e sensual emigrou para a memória dos livros.

Não existe apenas uma Alexandria. Uma série de cidades com esse nome marca a rota de Alexandre Magno, da Turquia até o rio Indo. Os diferentes idiomas desfiguraram o som original, mas às vezes ainda se distingue a melodia longínqua. Alexandreta, Ískenderun, em turco. Alexandria na Carmânia, ou Quermã, no Irã. Alexandria na Margiana, agora Marve, no Turquemenistão. Alexandria Escate, que poderíamos traduzir como Alexandria do Fim do Mundo, hoje Cujanda, no Tajiquistão. Alexandria Bucéfala, a cidade fundada em memória do cavalo que acompanhou Alexandre desde criança, depois chamada Jelapur, no Paquistão. A guerra no Afeganistão nos familiarizou ainda com outras antigas Alexandrias: Bagram, Herate, Candaar.

Plutarco conta que Alexandre fundou setenta cidades.<sup>4</sup> Queria marcar sua passagem por elas, assim como meninos que picham o nome nas paredes ou nas portas dos banheiros públicos (“Eu estive aqui”, “Eu venci aqui”). O atlas é o extenso muro no qual o conquistador inscreveu repetidas vezes seu nome para a posteridade.

A força que movia Alexandre, a razão de sua energia irrefreável, capaz de levá-lo a comandar uma expedição de conquista de 25 mil quilômetros, era sua sede de fama e admiração. Ele acreditava profundamente nas lendas dos heróis; mais do que isso, vivia e competia com eles. Tinha um vínculo obsessivo com o personagem de Aquiles, o guerreiro mais poderoso e temido da mitologia grega. Aquiles era seu preferido desde criança, quando seu professor Aristóteles lhe apresentou os poemas homéricos, e Alexandre queria ser parecido com ele. Sentia a mesma admiração apaixonada por Aquiles que os meninos de hoje sentem por seus ídolos do esporte. Contam que só dormia com o seu exemplar da *Ilíada* e uma adaga debaixo do travesseiro.<sup>5</sup> Essa imagem nos faz sorrir, pensando no garoto que adormece com o álbum de figurinhas aberto

em cima da cama e sonha que venceu um campeonato e está em meio aos gritos entusiasmados da torcida.

Só que Alexandre realizou de fato as suas mais desenfreadas fantasias de êxito. O histórico de suas conquistas, obtidas em apenas oito anos — Anatólia, Pérsia, Egito, Ásia Central, Índia —, o leva ao topo das façanhas bélicas. Em comparação a ele, Aquiles, que perdeu a vida no cerco de uma década a uma única cidade, parece um simples principiante.

A Alexandria do Egito nasceu, como não podia deixar de ser, de um sonho literário, um sussurro homérico.<sup>6</sup> Durante o sono, Alexandre sentiu um velho de cabelos grisalhos se aproximar. Quando parou ao lado dele, o misterioso desconhecido recitou versos da *Odisseia* que falam de uma ilha chamada Faros,<sup>7</sup> envolta pelo balanço sonoro do mar, em frente à costa egípcia. A ilha realmente existia, ficava nas proximidades da planície aluvial onde o delta do Nilo se funde com as águas do Mediterrâneo. Alexandre, seguindo a lógica daqueles tempos, julgou que sua visão era um presságio e fundou nesse local a cidade predestinada.

Achou o lugar bonito. Ali, o deserto de areia tocava o deserto de água, como duas paisagens solitárias, imensas, variáveis, esculpidas pelo vento. Ele mesmo desenhou com farinha o traçado externo da cidade, em forma de um retângulo quase perfeito, mostrando onde deveria ser construída a praça pública, quais deuses teriam templo e por onde passaria o perímetro da muralha. Com o tempo, a pequena ilha de Faros acabaria unida ao delta por um extenso dique e abrigaria uma das sete maravilhas do mundo.

Quando a construção teve início, Alexandre prosseguiu sua viagem, deixando ali um pequeno grupo de gregos, judeus e pastores que residiam havia muito nas aldeias dos arredores. Os egípcios nativos, segundo a lógica colonial de todas as épocas, foram incorporados como cidadãos de status inferior.

Alexandre nunca mais viu a cidade. Menos de uma década depois, apenas seu cadáver retornaria. Mas em 331 a.C., quando fundou Alexandria, ele tinha 24 anos e sentia-se invencível.<sup>8</sup>

Era jovem e implacável. A caminho do Egito, tinha vencido duas vezes seguidas o exército do Rei dos Reis persa. Depois se apoderou da Turquia e da Síria, afirmando que as libertava do jugo persa. Conquistou a faixa da Palestina e a Fenícia; todas as cidades se renderam a ele sem oferecer resistência, menos duas: Tiro e Gaza. Quando caíram, após sete meses de cerco, o libertador castigou-as brutalmente. Seus últimos sobreviventes foram crucificados ao longo da costa — uma fileira de 2 mil corpos agonizando à beira-mar. As crianças e as mulheres acabaram vendidas como escravas. Alexandre mandou amarrar o governador da torturada Gaza num veículo e arrastá-lo até a morte, como fizeram com o corpo de Heitor na *Ilíada*. Com certeza gostava de pensar que estava vivendo seu próprio poema épico, e de vez em quando imitava algum gesto, símbolo ou alguma crueldade lendária.

Outras vezes achava mais heroico ser generoso com os vencidos. Quando capturou a família do rei persa Dario, respeitou as mulheres e abriu mão de usá-las como reféns. Ordenou que elas continuassem vivendo em seus alojamentos e conservassem seus vestidos e joias, sem serem incomodadas. Também permitiu que enterrassem seus mortos caídos na batalha.<sup>9</sup>

Ao entrar no pavilhão de Dario, Alexandre viu ouro, prata, alabastro, sentiu o cheiro perfumado da mirra e seus eflúvios, a ornamentação de tapetes, de mesas e aparadores, uma abundância que não se conhecia na corte provinciana da sua Macedônia natal. Comentou com os amigos: “Era nisto que consistia, ao que parece, reinar.” Então lhe trouxeram um cofre, o objeto mais precioso e excepcional dos pertences de Dario. “O que pode ser tão valioso que deva ser guardado aqui?”, perguntou a seus homens. Cada qual deu uma sugestão: dinheiro, joias, essências, especiarias, troféus de guerra. Alexandre negou com a cabeça e, após um breve silêncio, mandou guardarem naquela caixa a sua *Ilíada*, da qual nunca se separava.<sup>10</sup>



Nunca perdeu uma batalha. E sempre enfrentou como todos os outros, sem privilégios, o sacrifício das campanhas. Seis anos depois de suceder a seu pai como rei da Macedônia, aos 25 anos, já havia derrotado o maior exército de seu tempo e se apoderado dos tesouros do Império Persa. Mas isso não era suficiente para ele. Avançou até o mar Cáspio, atravessou os atuais Afeganistão, Turquemenistão e Uzbequistão, cruzou os desfiladeiros nevados da cordilheira do Indocuche e, depois, um deserto de areia movediça até o rio Oxus, atualmente Amu Dária. Avançou por regiões onde nenhum grego jamais havia posto os pés (Samarcanda e Punjab). Depois, como não conseguia mais vitórias brilhantes, passou a se desgastar numa extenuante luta de guerrilhas.

A língua grega tem uma palavra para descrever sua obsessão: *póthos*. É o desejo de algo que está ausente ou é inalcançável, um desejo que faz sofrer porque é impossível de aplacar. Evoca a inquietude dos apaixonados não correspondidos e também a angústia do luto, quando sentimos a falta insuportável de uma pessoa morta. Alexandre não descansava em sua ânsia de ir sempre além, para fugir do tédio e da mediocridade. Ainda não havia completado 30 anos e já começava a temer que o mundo não fosse grande o suficiente para ele. O que iria fazer se um dia acabassem os territórios a conquistar?

Aristóteles lhe ensinara que o ponto mais extremo da Terra ficava do outro lado das montanhas do Indocuche, e Alexandre queria chegar até o último confim. A ideia de ver a beira do mundo o atraía como um ímã. Será que ele encontraria o grande Oceano Externo de que seu professor lhe falara? Ou as águas do mar caindo em cascata sobre um abismo sem fundo? Ou o fim seria invisível, apenas uma névoa espessa que se funde em branco?

Mas os homens de Alexandre, doentes e contrariados sob as chuvas da estação das monções, negaram-se a continuar avançando na Índia.<sup>11</sup> Tinham ouvido notícias de um enorme reino indiano desconhecido além do Ganges. O mundo não dava sinais de terminar.

Um veterano falou em nome de todos: sob as ordens do seu jovem rei, tinham percorrido milhares de quilômetros, massacrando ao menos 750 mil asiáticos pelo caminho. Tiveram que enterrar seus melhores amigos caídos em combate. Suportaram fome, frio glacial, sede e travessias pelo deserto. Muitos morreram nas valetas como cães, vítimas de doenças desconhecidas, ou ficaram terrivelmente mutilados. Os poucos sobreviventes não tinham mais a mesma força de quando eram jovens. Os cavalos então mancavam com as patas doloridas e as carroças de abastecimento atolavam nos caminhos enlameados por causa da monção. Até as fivelas dos cinturões estavam corroídas, e as rações apodreciam por causa da umidade. Calçavam botas furadas havia anos. Agora queriam voltar para casa, acariciar suas mulheres e abraçar os filhos, que mal se lembrariam deles. Tinham saudades da terra onde nasceram. Se Alexandre decidisse prosseguir com aquela expedição, que não contasse com seus macedônios.

Alexandre ficou furioso e, como fez Aquiles no começo da *Ilíada*, retirou-se para sua barraca de campanha proferindo ameaças. Começou então uma guerra psicológica. A princípio, os soldados ficaram em silêncio, mas depois se atreveram a vaiar seu rei por ter perdido as estribelas. Não estavam dispostos a ser humilhados depois de darem a ele os melhores anos de suas vidas.

A tensão durou dois dias. Depois, o formidável exército deu meia-volta e rumou de volta à pátria. Alexandre, finalmente, perdeu uma batalha.

#### O AMIGO MACEDÔNIO

#### 6

Ptolomeu foi companheiro de expedição e amigo íntimo de Alexandre. Por sua origem, não tinha o menor vínculo com o Egito. Nascido na Macedônia em uma família nobre mas sem brilho, ele nunca ima-

ginou que um dia chegaria a ser faraó no rico país do Nilo, onde pôs os pés pela primeira vez quase aos 40 anos, sem conhecer a língua, os costumes, nem a complexa burocracia locais. Mas as conquistas de Alexandre e suas enormes consequências foram uma surpresa histórica dessas que nenhum especialista prevê, pelo menos até que aconteçam.

Embora os macedônios fossem orgulhosos, sabiam que o restante do mundo considerava seu reino arcaico, tribal e insignificante. Dentro do mosaico de Estados independentes gregos, eles certamente estavam muitos degraus abaixo do *pedigree* dos atenienses ou dos espartanos. Mantinham uma monarquia tradicional, enquanto a maioria das cidades-Estado da Hélade havia experimentado formas de governo mais sofisticadas; para piorar a situação, falavam um dialeto de difícil compreensão para os outros. Quando um dos reis da Macedônia quis competir nos Jogos Olímpicos, só recebeu permissão depois de uma cuidadosa avaliação. Em outras palavras, os macedônios eram admitidos a contragosto como sócios do clube grego. Para o restante do mundo, eles simplesmente não existiam. Naquele tempo, o Oriente era o foco da civilização, bem iluminado pela história, e o Ocidente, um território escuro e selvagem onde viviam os bárbaros. No atlas das percepções e dos preconceitos geográficos, a Macedônia ocupava a periferia do mundo civilizado. Provavelmente poucos egípcios saberiam localizar no mapa a pátria do seu próximo rei.

Alexandre acabou com essa atitude de menosprezo. Foi um personagem tão poderoso que todos os gregos o adotaram como próprio. De fato, tornou-se um símbolo nacional. Durante os séculos em que a Grécia foi submetida à dominação turco-otomana, os gregos teceram lendas nas quais o grande herói Alexandre voltava à vida para libertar sua pátria da opressão estrangeira.

Napoleão também foi promovido de corso provinciano a incontestavelmente francês à medida que ia conquistando a Europa: o sucesso é um passaporte ao qual ninguém faz objeções.

Ptolomeu estava sempre ao lado de Alexandre. Escudeiro do príncipe na corte macedônia, ele também acompanhou sua meteórica

campanha de conquistas, alistado no exclusivo regimento de cavalaria dos Companheiros do Rei, e foi um de seus guarda-costas de confiança. Depois do motim no Ganges, enfrentou as asperezas da viagem de volta, que superaram as piores previsões: as tropas sofreram um ataque conjunto de malária, disenteria, tigres, serpentes e insetos venenosos. Os povos rebeldes da região do Indo atacavam aquele exército exaurido pela pesada marcha sob o úmido calor tropical. No inverno em que regressaram, só restava um quarto dos homens que haviam chegado à Índia.

Depois de tantas vitórias, sofrimentos e mortes, a primavera do ano 324 a.C. foi agrídoce. Ptolomeu e o restante das tropas estavam em um breve período de descanso na cidade de Susa, no sudoeste do atual Irã, quando o imprevisível Alexandre decidiu promover uma festa grandiosa que, de surpresa, incluiu na programação casamentos coletivos para ele e seus oficiais.<sup>12</sup> Em festejos espetaculares que duraram cinco dias, casou oitenta generais e achegados com mulheres, mais provavelmente meninas, da aristocracia persa. Ele próprio acrescentou à sua lista de esposas — os costumes macedônios permitiam a poligamia — a primogênita de Dario e outra mulher de um poderoso clã oriental. Num gesto teatral e muito calculado, estendeu aquelas cerimônias à sua tropa. Dez mil soldados receberam um dote real por se casarem com mulheres orientais. Foi um esforço para estimular casamentos mistos numa escala que nunca mais foi tentada. Na mente de Alexandre borbulhava a ideia de um império mestiço.

Ptolomeu também participou dos casamentos em massa na cidade de Susa. Coube a ele a filha de um rico sátrapa iraniano. Como a maioria dos oficiais, talvez preferisse uma condecoração pelos serviços prestados e cinco dias de farra sem complicações. De maneira geral, os homens de Alexandre não tinham a menor vontade de confraternizar e, muito menos, de criar laços de parentesco com os persas, que pouco antes estavam massacrando no campo de batalha. No novo império começavam a surgir tensões, que em breve estourariam, entre os patriotismos e a fusão cultural.

Alexandre não teve tempo para impor seu ponto de vista. Morreu no começo do verão seguinte, aos 32 anos, ardendo de febre na Babilônia.

## 7

Enquanto dita suas memórias em Alexandria, um Ptolomeu já ancião, com a fisionomia de Anthony Hopkins, confessa ao escriba um segredo que o persegue e atormenta: a morte de Alexandre não foi por causas naturais. Ele e outros oficiais o tinham envenenado. O filme — *Alexandre*, de 2004, dirigido por Oliver Stone — faz de Ptolomeu um homem sombrio, um Macbeth grego, o guerreiro leal às ordens de Alexandre que mais tarde se torna seu assassino. No final do longa-metragem, o personagem arranca a máscara e revela um rosto taciturno. É possível que tenha acontecido dessa forma? Ou será que Oliver Stone está fazendo um aceno, como em *JFK*, às teorias conspiratórias e à fascinação popular por líderes assassinados?

Certamente, os oficiais macedônios de Alexandre estavam nervosos e ressentidos no ano 323 a.C. A essa altura, a maioria dos soldados de seu exército era de iranianos ou hindus. Alexandre permitia a entrada de bárbaros até nos regimentos de elite, dava títulos de nobreza a alguns deles. Obcecado pela exaltação homérica da coragem, ele queria recrutar os melhores, independentemente da origem étnica. Seus antigos companheiros de batalha achavam essa política ofensiva e detestável. Mas isso seria motivo suficiente para romper uma lealdade profunda e correr o enorme risco de eliminar o rei?

Nunca saberemos com certeza se Alexandre foi assassinado ou se morreu de um processo infeccioso (como malária ou uma simples gripe) que consumiu seu corpo exaurido, gravemente ferido em nove lugares diferentes durante suas campanhas e submetido a um esforço quase desumano. Na época, essa morte repentina se transformou numa arma que seus sucessores usaram sem escrúpulos na luta pelo poder, culpando uns aos outros pelo suposto magnicídio. O boato do envenenamento

se espalhou rapidamente; era a versão mais impactante e dramática dos fatos. Em meio ao emaranhado de panfletos, acusações e interesses sucessórios, os historiadores não têm como resolver o enigma, só podem avaliar os prós e os contras de cada hipótese.

A figura de Ptolomeu, amigo fiel ou talvez traidor, ficou para sempre num território de penumbra.

## 8

Frodo e Sam, os dois hobbits, chegaram a um local sinistro nas escadas de Cirith Ungol, nas montanhas ocidentais de Mordor. Para superar o medo, conversavam sobre sua inesperada vida de aventuras. Isso acontece perto do fim abrupto de *As duas torres*, o segundo volume de *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien. Samsagaz, cujos maiores prazeres no mundo são uma comida gostosa e uma grande história, diz: “Eu me pergunto se algum dia vamos aparecer em canções ou histórias. É óbvio que estamos em uma, mas o que quero dizer é se seremos colocados em palavras, para serem contadas perto do fogo ou lidas em um grande livro com letras vermelhas e pretas, muitos e muitos anos depois. E as pessoas vão dizer: ‘Sim, essa é uma das minhas histórias favoritas.’”

Era o sonho de Alexandre: se tornar uma lenda, entrar nos livros para permanecer na memória. E conseguiu. Sua breve vida é um mito no Oriente e no Ocidente, o Corão<sup>13</sup> e a Bíblia<sup>14</sup> têm ecos dele. Nos séculos posteriores à sua morte, foi sendo tecido em Alexandria um relato fantástico de suas viagens e aventuras, escrito em grego e depois traduzido para o latim, o siríaco e dezenas de outras línguas. Esse relato ficou conhecido como “O romance de Alexandre” e chegou até nossos dias com sucessivas variações e supressões. Delirante e disparatado, alguns estudiosos acreditam que, exceto certos textos religiosos, foi o livro mais lido no mundo pré-moderno.

No século II, os romanos acrescentaram-lhe ao nome o cognome Magno (“o grande”). Em contrapartida, os seguidores de Zoroastro

o chamavam de Alexandre, o Maldito. Nunca o perdoaram por ter incendiado o Palácio de Persépolis,<sup>15</sup> o que fez arder em chamas a biblioteca do rei. Ali queimou, entre muitos outros, o livro sagrado dos zoroastristas, o *Avesta*. Mais tarde, os fiéis tiveram que reescrever toda a obra de memória.

Os contrastes e as contradições de Alexandre já aparecem nos historiadores do mundo antigo, que nos oferecem uma galeria de retratos muito diferentes. Arriano é fascinado por ele, Cúrcio Rufo aponta áreas de sombra, Plutarco não resiste a um episódio emocionante, seja sombrio, seja luminoso. Todos eles fantasiam. Deixam a biografia de Alexandre escorregar para a ficção, cedendo ao instinto do escritor que fareja uma grande história. Um viajante e geógrafo da época romana disse com ironia que quem escreve sobre Alexandre sempre prefere o maravilhoso à verdade.<sup>16</sup>

A visão dos historiadores contemporâneos depende do grau de idealismo e da época em que escrevem. No começo do século XX, os heróis ainda gozavam de boa saúde; depois da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto, da bomba atômica e da descolonização, ficamos mais céticos. Agora há autores que deitam Alexandre no divã e diagnosticam megalomania furiosa, crueldade e indiferença às suas vítimas. Alguns o compararam a Adolf Hitler. O debate continua, matizado por novas sensibilidades.

Eu acho surpreendente e fascinante que a cultura popular não o tenha abandonado como um fóssil de outros tempos. Nos lugares mais inesperados, esbarrei com admiradores incondicionais de Alexandre capazes de desenhar num guardanapo um esboço rápido dos movimentos de tropas em suas grandes batalhas. A música do seu nome continua soando. Caetano Veloso dedica a ele “Alexandre” em seu disco *Livro*, enquanto os britânicos do Iron Maiden deram o título “Alexander the Great” a uma de suas canções mais míticas. O fervor por essa peça de *heavy metal* é quase sagrado: a banda de Leyton nunca a interpreta ao vivo, e entre os fãs circula o boato de que só será tocada em sua última apresentação. Em quase todo o mundo as pessoas continuam chamando

seus filhos de Alexandre — ou Sikander, que é a versão árabe do nome —, em homenagem ao guerreiro. Sua efigie é impressa todo ano em milhões de produtos que o verdadeiro Alexandre nem sequer saberia usar, como camisetas, gravatas, capas de celular ou videogames.

Alexandre, o caçador da imortalidade, irradiou uma lenda tal como ele sonhava. No entanto, se me perguntassem — como dizia Tolkien — qual é minha história favorita para contar ao lado do fogo, eu não escolheria as vitórias nem as viagens, mas a extraordinária aventura da Biblioteca de Alexandria.

9

“O rei morreu”, anotou em sua tabuleta astrológica um escriba babilônio. Por um acaso, o documento chegou quase intacto até nós. Foi no dia 10 de junho do ano 323 a.C., e não era preciso ler a pauta das estrelas para adivinhar que iriam começar tempos perigosos. Alexandre deixava dois herdeiros frágeis: um meio-irmão que todos consideravam um pouco idiota e um filho ainda não nascido no ventre de Roxana, uma de suas três esposas. O escriba babilônio,<sup>17</sup> escolado em história e nos mecanismos da monarquia, talvez tenha refletido, naquela tarde cheia de augúrios, sobre o caos das sucessões que desencadeiam guerras confusas e cruéis. Era isso que muita gente temia na época, e foi exatamente o que aconteceu.

O derramamento de sangue começou logo. Roxana assassinou as outras duas viúvas de Alexandre para garantir que seu filho não tivesse competidores.<sup>18</sup> Os generais macedônios mais poderosos declararam guerra uns aos outros.<sup>19</sup> Ao longo de anos, numa carnificina metódica, foram matando todos os membros da família real: o meio-irmão idiota, a mãe de Alexandre, sua mulher Roxana e seu filho, que não completou 12 anos. Enquanto isso, o império se desintegrava. Seleuco, um dos oficiais de Alexandre, vendeu os territórios conquistados na Índia a um caudilho nativo pelo incrível preço de



quinhentos elefantes de guerra,<sup>20</sup> os quais empregou para continuar a luta contra seus rivais macedônios. Durante décadas, exércitos de mercenários se ofereceram ao melhor proponente. Depois de anos de combates, ferocidade, vinganças e muitas vidas ceifadas, sobraram três senhores da guerra: Seleuco, na Ásia; Antígono, na Macedônia; e Ptolomeu, no Egito. Dos três, Ptolomeu foi o único que não teve uma morte violenta.

Ptolomeu se estabeleceu no Egito, onde passaria o resto da vida. Durante décadas, lutou a ferro e fogo contra seus antigos companheiros para conservar o trono. E, nos momentos de pausa nas guerras civis entre os macedônios, tentava conhecer o imenso país que estava governando. Tudo lá era assombroso: as pirâmides; os íbis; as tempestades de areia; as ondas de dunas; o galope dos camelos; os estranhos deuses com cabeça de animal; os eunucos; as perucas e as cabeças rapadas; a aglomeração humana nos dias de festa; os gatos sagrados, que era delito matar; os hieróglifos; o cerimonial do palácio; os templos em escala sobre-humana; o enorme poder dos sacerdotes; o escuro e lamacento Nilo se arrastando em seu delta rumo ao mar; os crocodilos; as planícies onde as colheitas abundantes se nutrem dos ossos dos mortos; a cerveja; os hipopótamos; o deserto, onde nada é permanente exceto o tempo destruidor; o embalsamamento; as múmias; a vida ritualizada; o amor ao passado; o culto à morte.

Ptolomeu deve ter ficado desorientado, confuso, isolado. Não falava a língua egípcia, era inapto nas cerimônias e desconfiava que os cortesãos riam dele. Não obstante, havia aprendido com Alexandre a se comportar com ousadia. Se você não entende os símbolos, invente outros. Se o Egito o desafia com sua antiguidade fabulosa, transfira a capital para Alexandria — a única cidade sem passado — e transforme-a no centro mais importante de todo o Mediterrâneo. Se os seus súditos desconfiam das novidades, faça confluir em seu território toda a audácia do pensamento e da ciência.

Ptolomeu empregou grandes riquezas para erguer a Biblioteca de Alexandria e o Museu.

Um livro sobre a evolução dos livros, um passeio pela trajetória desse artefato fascinante que inventamos para que as palavras pudessem ser transportadas pelo espaço e pelo tempo: *O infinito em um junco* conta a história desse objeto desde sua criação, milênios atrás, passando por todos os modelos e formatos que testamos ao longo da jornada humana.

A obra de Irene Vallejo é também sobre viagens e diferentes lugares. Uma rota com paradas nos campos de batalha de Alexandre, o Grande, e na Vila dos Papiros sepultada pelas lavas do Vesúvio, nos palácios de Cleópatra e na cena do crime de Hipátia, nas primeiras livrarias e nas oficinas de cópia manuscrita, nas fogueiras em que eram queimados códices proibidos, no gulag, na Biblioteca de Sarajevo e no labirinto subterrâneo de Oxford no ano 2000. Um fio que une os clássicos ao mundo contemporâneo, conectando-os aos debates atuais: Aristófanes e os processos judiciais contra os humoristas, Safo e a voz literária das mulheres, Tito Lívio e o fenômeno dos fãs, Sêneca e a pós-verdade.

Acima de tudo, esta é uma fabulosa aventura coletiva protagonizada por milhares de pessoas que, ao longo do tempo, protegeram e tornaram o livro possível: contadores de histórias, escribas, iluminadores, tradutores, vendedores ambulantes, professores, sábios, espíões, rebeldes, freiras, aventureiros; leitores de todos os cantos, nas capitais onde se concentra o poder e nas regiões mais remotas, onde o conhecimento se refugia em tempos de caos. Pessoas comuns cujos nomes muitas vezes são apagados da história; gente que salva essas fontes de memória, os verdadeiros protagonistas desta obra.

**SAIBA MAIS:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1169/](http://www.intrinseca.com.br/livro/1169/)

